A ARQUITECTURA DO FERRO E A MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DE ÉVORA

Ana Cardoso de Matos e João Pereira

A modernização das cidades oitocentistas passou em grande medida pela utilização de novos materiais, como o ferro fundido, o aço e o vidro, que alteraram o panorama arquitectónico tradicional, tanto no plano estético como na utilização de novas técnicas construtivas.

Pormenor do Coreto do Jardim Público.

Os engenheiros, grupo profissional detentor de conhecimentos técnicos e científicos específicos sobre os novos materiais, contribuíram decisivamente para o desenvolvimento de modelos de intervenção, requalificação e embelezamento das cidades em que os novos materiais permitiram conceber soluções arquitectónicas inovadoras e arrojadas, em grande medida inspiradas pelas obras que já tinham sido realizadas noutras cidades europeias, como era o caso de Paris.

Também em Évora, as obras dos engenheiros procuraram dotar a cidade de novos padrões de embelezamento, salubridade e modernização do espaço urbano através de um conjunto de iniciativas que, por um lado, procuraram valorizar os espaços nobres da cidade, e, por outro visaram melhorar a higiene pública e o bem estar social.

Palácio de D.Manuel, Autor desconhecido / não identificado, dep.1888 - ant.1916, Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora: CME0289.

Podemos inscrever neste processo obras como: a requalificação/adaptação do Palácio de D. Manuel a sala de espectáculos com o objectivo de dinamizar as actividades culturais dos eborenses; a remodelação do edifício dos Paços do Concelho com o propósito de criar um espaço mais consentâneo com a ampliação e complexificação das funções assumidas pela administração municipal; a construção de um novo mercado do peixe com a finalidade de regular a venda do pescado e criar melhores condições de higiene e de salubridade; a construção de uma estrutura no interior da cerca do matadouro Municipal de forma a melhorar as condições de higiene no processo de abate; a edificação de uma Filial dos Armazéns do Chiado como espaço inovador na dinamização do comércio local; o surgimento do coreto do Jardim Público como exemplo do mobiliário urbano, que favorecia a sociabilidade e as actividades culturais num dos espaços mais frequentados da cidade.

Palácio de D. Manuel

Situado no Jardim Público de Évora, o Palácio de D. Manuel, também conhecido por "Galeria das Damas", sofreu ao longo dos anos grandes transformações arquitectónicas e foi alvo das mais diversas ocupações.

O edifício que chegou aos nossos dias representa apenas uma parte de um grandioso conjunto conventual que em meados do século XIX ocupava a Cerca de S. Francisco, actualmente Largo 1º de Maio.

Após a queda do telhado em 1881, o edifício sofreu uma intervenção estrutural subordinada a um projecto do engenheiro Adriano Monteiro. Nesta altura foi acrescentado um andar ao edifício destinado a sala de espectáculos. A solução arquitectónica encontrada recorreu aos materiais então na moda, ferro e vidro, o que nos leva a admitir que Adriano Monteiro foi influenciado por Luis Pedro d'Ávila, engenheiro/arquitecto com quem trabalhara num projecto para recuperação da igreja de S. Francisco de Évora e que foi o responsável por outras obras representativas da arquitectura do ferro, como foi o caso do pavilhão de exposições da Tapada da Ajuda, em Lisboa (1884).

A intensa actividade cultural que esta sala conheceu nas décadas seguintes, foi interrompida na madrugada do dia 8 Março de 1916 por um violento incêndio que destruiu parcialmente este edifício. O Noticias de Évora no dia 10 de Março referia-se assim ao sinistro: "*(…) O assumpto que hontem prendeu a attenção de todos os habitantes d'esta cidade, foi o grande incêndio no Theatro Eborense que reduziu a um montão de cinzas, o belo edifício conhecido pela denominação de Palácio de D. Manuel, situado dentro do Passeio Público (…)*".

O estado de ruína a que o imóvel foi então votado terminou em 1943, quando a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais tomou a seu cargo um projecto de remodelação, restituindo-lhe, dentro do possível, a traça quinhentista e conferindo-lhe o actual aspecto e o estatuto de grande referência cultural para a cidade de Évora e para o País.

Edifício dos Paços do Concelho

O actual edifício dos Paços do Concelho da cidade de Évora pode ser considerado como um dos exemplos em que a utilização do ferro teve como objectivo a funcionalidade. De facto, quando em princípios do Século XX, se verificou a necessidade de remodelar o edifício sede dos Paços do Concelho, situado na Praça do Sertório, preconizava-se a adaptação de uma antiga casa senhorial, que pertenceu a D. Luis da Silveira, 1º Conde de Sortelha (1481 – 1534), a sede do executivo municipal, conferindo-lhe melhores condições de funcionalidade e comodidade para funcionários e munícipes.

Nesta remodelação iniciada em 1910 o ferro foi a solução encontrada para a cobertura da parte central do edifício, a ligação entre os dois pisos do imóvel e a construção no 1º piso de uma galeria circundada por gradeamento em ferro.

As várias estruturas em ferro projectadas para o edifício obrigaram à realização de cálculos rigorosos, que atrasaram os trabalhos de remodelação e obrigaram a empresa construtora, Cardoso, Dargent & Cª, a solicitar, em Agosto de 1911, um adiamento do prazo de execução.

Após alguns constrangimentos de natureza técnica e económica, a obra acabaria por ser concluída ainda em 1911, e este conjunto arquitectónico em que ainda hoje se albergam os serviços municipais é exemplo da inovação nos materiais e técnicas de construção que marcou o final do século XIX e o início do século XX.

Interior do edifício dos Paços do Concelho.

Mercado do Peixe

O Mercado do Peixe, que se situa numa das praças mais nobres da cidade de Évora, a Praça 1º de Maio, é uma das construções mais emblemáticas da utilização do ferro na cidade de Évora. A sua construção começou a delinear-se ainda na década de 1880, mas só veio a ser concretizado no início do século XX.

Esta obra, em que o ferro foi utilizado em funções de suporte e cobertura, obedeceu a um projecto do condutor de obras António Manuel Ribeiro e foi fiscalizada pelo engenheiro Adriano Monteiro.

Este mercado, que ficou concluído em 6 de Janeiro de 1903 e foi muito apreciado na época, teve como modelo, embora numa escala reduzida, o mercado da Praça da Figueira em Lisboa, inaugurado em 24 de Abril de 1885 e projectado pelo engenheiro Manuel Maria Ricardo Correia.

Mercado do peixe (Feira no largo 1º de Maio), Autor desconhecido / não identificado, 1910-1940, Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora: CME0269.

Em 1982, através de um projecto do G.A.T. de Évora, o Mercado do Peixe foi objecto de uma grande obra de beneficiação, sobretudo ao nível da cobertura. Contudo, atendendo ao valor patrimonial do edifício o projecto de beneficiação previu a reutilização dos materiais pré-existente (chaparia em ferro zincado) e a preservação da linguagem arquitectónica original.

Matadouro Municipal

Em finais do século XIX as autoridades municipais proibiram o abate de gado suíno nas ruas da cidade. Assim, com o objectivo de criar condições mais adequadas a esta actividade foram sendo equacionados vários projectos para construção de uma estrutura dentro do complexo do matadouro, situado numa cerca na Rua de Machede. Finalmente, no início da primeira década do século XX, acabou por ser construído um pavilhão projectado pelo condutor de obras António Manuel da Silva, que aproveitava algumas paredes de alvenaria pré-existentes e recorria à utilização de colunas em ferro como suporte da cobertura para a qual se utilizou chaparia de ferro zincado canelado.

No local, ainda hoje conhecido como Matadouro Municipal, funcionam actualmente os serviços de higiene e limpeza da Câmara Municipal de Évora e o Departamento de Escultura do Centro Cultural de Évora. Da construção original, restam apenas alguns vestígios, como elementos de travejamento e colunata.

Filial dos Armazéns do Chiado

A implantação de uma sucursal dos Armazéns do Chiado em Évora, no ano de 1909, está certamente associada a uma nova mentalidade de consumo, materializada numa política expansionista das grandes casas comerciais sediadas nos grandes centros urbanos do país, como Lisboa e Porto, que ao criarem uma vasta rede de filiais, distribuídas por cidades

com menor dimensão, reproduziam, embora numa escala reduzida o padrão arquitectónico da casa mãe. O edifício então escolhido para sucursal dos Armazéns do Chiado, localizava-se no espaço mais nobre da cidade, a Praça do Geraldo.

O projecto de remodelação de que foi alvo o edifício pré-existente, preconizou para o interior um espaço amplo, funcional e com grande luminosidade que se adequasse à actividade a que se destinava. Para se conseguir a luminosidade desejada o autor do projecto optou pela utilização do ferro e o vidro, aplicados em grandes janelões, que conferiram ao edifício uma expressão arquitectónica bem ao gosto da época.

Armazéns do Chiado, na Praça do Giraldo, Inácio Caldeira, 1910-1920, Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora: GPE0448.

A fachada do imóvel com as características descritas manteve-se até ao ano de 1955, altura em que o imóvel foi adquirido pela Administração do Montepio Geral, que mandou executar um novo projecto de remodelação do imóvel para ali instalar a sua agência, situação que ainda hoje se mantêm.

Coreto do Jardim Público

O coreto do Passeio Público eborense foi inaugurado em 20 de Maio de 1888. A sua construção ficou a dever-se à iniciativa de um dos vereadores da Câmara Municipal, Francisco Sales da Costa, que lançou um concurso

Portão principal do Jardim Público de Évora, Autor desconhecido / não identificado, 1905-1920, Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora: CME0274.

público para o efeito, ao qual responderam as firmas Luis Ferreira de Sousa Cruz & Filhos, António Neves Martins e Xavier (Firmas do Porto), Caetano José Valente e Luis Francisco da Silva (Firmas de Évora). A construção deste equipamento foi adjudicada à firma de Luis Francisco da Silva e baseou-se um projecto do mestre-de-obras António d' Oliveira e Silva, sendo a fiscalização da obra assegurada pelo engenheiro Adriano Monteiro.

Em 13 de Maio de 1888 este equipamento era descrito da seguinte forma no Manuelinho de Évora "*(…) A base do coreto é formada por um prisma recto hexagonal regular, cuja altura sobre o terreno é de 1,60m e constitue uma caixa de ressonância um pouco mais alta, à custa d'um pequeno subterrâneo, perfeitamente saneado. A face superior, ou piso do coreto, que é de um heságono regular, tem de diâmetro, máximo (entre 2 angulos oppostos) e mínimo (entre 2 lados oppostos), respectivamente 8,5 m e 7,64 m – donde se depreende que é um vasto coreto para as nossas necessidades musicaes (…)*".

O coreto do Jardim Público continua ainda hoje a conferir ao local um ar pitoresco, transportando a nossa memória para o ambiente cultural vivido na cidade há aproximadamente um século.

Coreto do Jardim Público de Évora.